

A abordagem Pikleriana: estudo de caso do centro de educação e recreação infantil crescer

The Piklerian approach: case study of the children's education and recreation center grow

 <https://doi.org/10.56238/sevedi76016v22023-001>

Caroline Rupollo

Graduada em Pedagogia pelo CESURG e bacharel em Direito pela UPF. Pós Graduada em Educação Infantil numa perspectiva Pikleriana. Sócia mantenedora do Centro de Educação e Recreação Infantil Crescer
E-mail: carolrupollo25@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho norteou-se pelo objetivo geral que consiste na identificação da aplicabilidade da abordagem de Emmi Pikler no contexto escolar do Centro de Educação e Recreação Infantil Crescer, possuindo como base teórica o estudo realizado pela idealizadora da abordagem. Após identificar o objetivo que norteará a presente pesquisa, construiu-se os objetivos específicos. O primeiro se perfaz por meio da análise do acervo teórico publicado sobre a abordagem Pikleriana, bem como, seus pilares norteadores para a configuração de conceitos basilares do desenvolvimento infantil em crianças de zero a três anos. O segundo e o terceiro objetivo que se entrelaçam em meio as práticas e vivências do Centro Crescer, principalmente sobre a efetividade da aplicação da abordagem no Centro Crescer. Utilizou-se a análise documental para a construção do estudo bibliográfico, assim como a base do método dialético para a construção do referencial teórico, somado a isso, empregou-se o procedimento qualitativo exploratório, por se tratar de um estudo de caso do Centro de Educação e Recreação Infantil Crescer, além da aplicação dos procedimentos da pesquisa participante, pois a autora do presente estudo tornou-se objeto da pesquisa, ou seja, a investigação ocorre no local de trabalho da pesquisadora. Ainda, aplicou-se entrevistas semi-estruturada com caráter comprovatório para o estudo de caso. Ao concluir a pesquisa, evidenciou-se que a Crescer aplica a abordagem de Emmi Pikler, acolhendo as adversidades culturais apresentadas na região do Auto Uruguai, no entanto, isso não desqualifica a aplicação da abordagem em sua essência, pois ela é reforçada e

reproduzida pela equipe escolar de forma contínua produzindo efeitos a longo prazo no desenvolvimento infantil das crianças.

Palavras-chave: Abordagem Pikleriana, Centro Crescer, Educação Infantil.

ABSTRACT

The present work was based on the general objective, which consists in the identification of the applicability of Emmi Pikler's approach in the school context of the Center for Early Childhood Education and Recreation Crescer, having as theoretical basis the study carried out by the creator of the approach. After identifying the objective that will guide the present research, the specific objectives were constructed. The first is made up through the analysis of the theoretical collection published on the Pikleriana approach, as well as its pillars that guide the configuration of basic concepts of child development in children from zero to three years, added to this, is the second and the third that are intertwined in the midst of the practices and experiences of the Crescer Center, mainly on the effectiveness of applying the approach at Centro Crescer. We used the documentary analysis for the construction of the bibliographic study, as well as the basis of the dialectical method for the construction of the theoretical framework, added to this, the exploratory qualitative procedure was used, because it is a case study of the Center for Education and Child Recreation Crescer, in addition to the application of the procedures of the participant research, because the author of the present study became the object of the research, in addition to the investigation takes place in the researcher's workplace. Furthermore, semi-structured interviews with a provatory character were applied for the case study. The result obtained with the research proved that Crescer applies Emmi Pikler's approach, welcoming the cultural adversities presented in the Auto Uruguay region, however, this does not disqualify the application of the approach in its essence, as it is reinforced and reproduced by the

school staff continuously producing long-term effects on children's early development.

Keywords: Pikleriana Approach, Crescer Center, Early Childhood Education.

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento infantil idealizado pela pediatra Emmi Pikler tornou-se mundialmente reconhecido e atualmente está construindo espaço próprio nas escolas, creches e centro de educação infantil no Brasil, no Rio Grande do Sul e na cidade de Sarandi/RS. Ocasão em que o Centro de Educação e Recreação Infantil Crescer foi fundado, embasando sua abordagem de atuação no estudo de Pikler.

Essa abordagem enfatiza as ações dos pedagogos em relação aos bebês, ou seja, a forma de estabelecer um cuidado profissionalizado com crianças bem pequenas. Este cuidado prioriza ações de respeito para com as crianças, além de colocá-las como sujeitos ativos das relações entre educador e bebês. Visto que, a criança quando cuidada com afeto, respeito, empatia e principalmente quando suas ações são olhadas por alguém, ela consegue atingir um estágio de segurança emocional e motora no ambiente onde está inserida promovendo assim, seu desenvolvimento autônomo.

Diante disso, o objetivo principal da pesquisa sobre o desenvolvimento infantil, é identificar a aplicabilidade da abordagem de Emmi Pikler no contexto escolar do Centro de Educação e Recreação Infantil Crescer, possuindo como base teórica o estudo realizado pela idealizadora da abordagem. Após identificar o objetivo que norteará a presente pesquisa, construiu-se os objetivos específicos.

Sendo que o primeiro e o segundo se entrelaçam por meio da análise do acervo teórico publicado sobre a abordagem Pikleriana, bem como, alguns de seus pilares norteadores para a configuração de conceitos basilares do desenvolvimento infantil em crianças de zero a três anos, somado a isso, a verificação da construção prática (estudo de caso) da abordagem no Centro de Educação e Recreação Infantil Crescer. Ambos os objetivos estão diretamente associados ao terceiro, que se perfaz pela constatação através de relatórios e observações do contexto geral da creche e a evolução das crianças diante da aplicação da abordagem.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ABORDAGEM PIKLERIANA

A abordagem é constituída por quatro princípios basilares, quais sejam, a afetividade, movimento livre, ambiente preparado e autonomia que concomitantemente estão atrelados à observação. Essa observação fortemente é apresentada pela abordagem, se introduz nos quatro princípios, pois não se constitui nenhum deles se não houver uma observação ativa por parte do adulto e da criança. Desta forma, esses são considerados como os pilares fundamentais que sustentam a aplicabilidade da abordagem de Emmi Pikler.

Percebe-se que a carência de afetividade gera no bebê insegurança e ansiedade no seu dia a dia na escola, fazendo com que ela não consiga desenvolver suas habilidades de forma saudável, procurando sempre estar próxima ou em contato direto com o adulto responsável. A autora Falk menciona em uma parte de sua escrita que o momento mais importante para a interação da criança-adulto é através do cuidado corporal, visto que, nesse instante a criança está com a atenção exclusiva do adulto para si, oportunidade em que o educador necessita dialogar, olhar e observar aquela criança (FALK, 2016, p. 25).

E, através deste vínculo afetivo criado entre o educador e a criança, que se inicia a ponte que caracterizou a abordagem de Emmi Pikler, uma vez que, através do vínculo afetivo que a criança se sentirá segura e protegida para efetivar os movimentos que seu corpo está pronto para realizar. Ainda, o relacionamento entre ambos, fará com que a criança passe a desenvolver sua integridade individual, bem como, sua identidade pessoal. Neste aspecto transcreve-se a fala de Falk.

Entre os elementos de entorno que estruturam a personalidade da criança, tenho mencionado, de início, a segurança proporcionada pelo vínculo e interesse do adulto. [...] Quando tudo que acontece com a criança se baseia no marco de um relacionamento, de uma troca real, que lhe permite tomar consciência da pessoa que se ocupa dela e de si mesma ao mesmo tempo, só então a criança pode ser consciente de sua integridade individual e da sua identidade pessoal. (FALK, 2016, p. 23).

Da mesma forma que o vínculo precisa existir para se promover o desenvolvimento integral da criança nesta abordagem, o movimento livre também necessita estar em harmonia com o ambiente e a criança. Se destaca que o bebê realiza seus movimentos partindo da própria biologia natural que é predestinada a evoluir gradativamente, espontaneamente sem a interferência do adulto.

Para a criança, as oportunidades de brincar livre tornam-se um “laboratório” de experiências, investigações, construções, aprendizados, etc., que quando associado às condições adequadas para a exploração, ele se torna fonte inesgotável para o desenvolvimento da inteligência, autonomia e construção da personalidade do bebê (SOARES, 2017, p. 30). E, o brincar livre, necessita de uma atenção especial por parte dos educadores que trabalham diretamente com a abordagem de Emmi Pikler, pois ela certifica-se que o brincar livre gera atividades autônomas e que isso, agrega no desenvolvimento das potencialidades das crianças (SOARES, 2017, P.31).

Evidencia-se que todas as crianças saudáveis fisicamente e cognitivamente atingem os níveis de desenvolvimento idealizados pela abordagem, ou seja, é essa motricidade livre que norteia as ações do educador para que não interfira no processo de concretização dos movimentos do bebê, pois ao estimulá-lo constantemente a realizar qualquer movimento se está agindo de forma abrupta e precipitada, uma vez que a criança deve adquirir por si mesma todos os movimentos que ela consegue realizar com o domínio de seu corpo, e assim, amadurecendo gradativamente cada ação. Soares preconiza esse pensamento.

[...] o desenvolvimento motor se produz de modo espontâneo, mediante a atividade autônoma do bebê, em função da maturidade orgânica e nervosa. Ou seja, as crianças com boa saúde física e psíquica que podem se mover com liberdade passam por todas as etapas de ampliação da motricidade por conta própria, sem que os adultos precisem ensiná-las a se sentar, a engatinhar ou mesmo a andar. Não é bom adiantar nenhuma fase, nem colocar a criança em uma posição que não tenha sido conquistada por ela mesma. (SOARES, 2017, p. 47).

O bebê é visto pela abordagem como um ser dotado de percepções, sensações e autonomia, e o movimento autônomo é capaz de agregar e abranger todas as necessidades que ele pode conquistar por si só, por meio do respeito ao seu ritmo individual e as etapas que a criança se sente segura em promover, assim, a motricidade livre, é o elo para o bom desenvolvimento cognitivo e afetivo do bebê (SOARES, 2017, p. 50).

Para fornecer um ambiente preparado, requer acima de tudo conhecimento e domínio da abordagem, identificando e utilizando as oportunidades da sala de aula como aliadas neste processo, ou seja, possuir uma local, amplo que a criança tenha espaço para se movimentar, descobrir e criar possibilidade motoras com o que os cerca, torna o brincar mais atrativo e viabiliza a construção adequada da motricidade livre.

Neste viés, o ambiente preparado para receber aquele sujeito cheio de curiosidade, personalidade e dotado de fragilidades necessita ser um lugar aconchegante e seguro, com uma estrutura sólida de apoio (chão) para que sua locomoção aconteça sem que o adulto esteja auxiliando ou interferindo em seus movimentos, brincadeiras e até mesmo na relação com o outro.

Soares, elucidada o cenário descrito.

O ambiente organizado para o brincar livre deve ser suficientemente amplo para que o bebê tenha bastante espaço à sua volta e possa descobrir e exercer suas possibilidades motoras enquanto brinca. Os espaços internos devem ser aconchegantes e seguros (cercados), com o piso quente, de madeira ou EVA fino e firme, para permitir locomoção com liberdade e interação entre os pares. (SOARES, 2017, p. 43).

Construir um lugar transformador e facilitador das ações das crianças é um desafio para toda a escola/creche que objetiva possuir essa abordagem como base, uma vez que, a concepção que os educadores possuem de estímulo contradiz os ensinamentos de Emmi Pikler, assim, a quebra de paradigma para que a criança, autonomamente, inicie e conclua uma atividade ou um raciocínio exige do educador uma postura de observação e de mediador dessa situação e, isso, faz com que “a criança aprende o que vivencia”. (SOARES, 2017, p. 44).

Observa-se que em todo o contexto teórico apresentado direciona-se para a autonomia do bebê, e está intimamente ligada com todos os outros princípios, não somente isso, um não se constrói sem o outro. Ao falar de autonomia para bebês, a abordagem, através da fala de Tardos, exemplifica a autonomia de forma concisa.

“Seus esforços interiores são dosados e regulados por ele mesmo. Durante suas atividades, realizadas com sua própria ‘responsabilidade’, o bebê aprende a observar, a agir, a utilizar seu corpo de maneira econômica, a prever o resultado de sua ação; aprende a sentir os limites das suas possibilidades, a modificar seu movimento, seus atos; aprende a aprender. Numa palavra: o bebê desenvolve sua competência, reforça sua exigência de competência”. (TARDOS, 2010, p. 56 e 57).

Ao utilizar a expressão “aprende a aprender”, ela transborda o significado do conhecimento, ou seja, uma criança emocionalmente suprida de afeto, que possui um ambiente pensado e preparado para a execução de seus movimentos livres, torna-se uma criança independente, isto é, torna-se um ser humano capaz de compreender sua autonomia através de suas experiências.

Essas vivências são enriquecedoras para o desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e é o papel da educadora neste momento que faz a diferença. A observação deste adulto facilitará e instigará a curiosidade desses bebês, pois ele ficará atento aos sinais de desagrado ou desinteresses pelos objetos/brinquedos que estão sendo oferecidos para exploração, partindo destes sinais o professor fará a interação com a criança para reorganizar aqueles brinquedos ou substituí-los (SOARES, 2017, p. 42).

Os brinquedos apresentados pela abordagem são, em sua grande maioria, materiais de madeiras, circuitos ou chocalhos. Além disso, evidencia o uso de objetos não estruturados, isso é, a maioria dos brinquedos é utilizado no cotidiano familiar. Soares, apresenta uma série de objetos não estruturados que podem ser usados para o amplo desenvolvimento dos bebês, cita-se alguns deles: argolas, bacias, potes, colheres de madeira, bolas, funis, garrafas transparentes, pegadores de massa, batedores de ovos, conchas, lenço de bolinhas com medição de (35 x35 cm), e outras infinitudes de objetos capazes de despertar na criança o brincar espontâneo (SOARES, 2017, p. 40).

3 METODOLOGIA

É uma pesquisa que primeiramente está amparada pela análise documental do Centro Crescer, bem como, pelo acervo bibliográfico de obras e artigos relacionados à abordagem de Emmi Pikler. Ainda, utilizar-se-á a base do método dialético, através da estrutura dialética, qual seja, tese – antítese – síntese, para se construir um diálogo entre a abordagem de forma teórica e a que se construiu no Centro Crescer.

Para enfatizar melhor sobre o método dialético e como ele irá se apresentar na presente pesquisa, cita-se Max e Engels apud Zago (2013, p.113 e 114):

Com a dialética os elementos cotidianos deixam de ser naturalizados e eternizados, passando a ser encarados como sujeitos da práxis social da humanidade. Neste sentido, a dialética é um esforço para perceber as relações reais (sociais e históricas) por entre as formas estranhadas com que se apresentam os fenômenos.

Desta maneira a pesquisa, atentou-se para as bibliografias que referenciam a abordagem Pikleriana, isto é, o que está publicado e com cunho científico sobre o assunto. A segunda ação a ser construída pela pesquisadora, foi apresentar o olhar da abordagem em meio às vivências do Centro de Educação e Recreação Infantil Crescer.

E a terceira parte, é o resultado da prática associada à teoria, partindo da adaptação da tese e da realidade do contexto educacional do Centro Crescer, que se torna o objeto da presente pesquisa, ou seja, se a Crescer realiza a aplicação dos conceitos da abordagem de Emmi Pikler.

Destaca-se que a presente pesquisa tem caráter qualitativo exploratório, sendo baseada em um estudo de caso do Centro de Educação e Recreação Infantil Crescer, ou seja, será coletado e analisado dados de um cenário individualizado, qual seja, a abordagem de Emmi Pikler na Crescer. Esses dados são para elucidar e comparar com a teoria da abordagem uma vez que são dados experimentais para a região da cidade de Sarandi/RS.

Ainda, o presente estudo se perfaz por meio da pesquisa participante, que consiste segundo Michel Thiollent apud Schmidt “o modelo da observação participante praticado nas experiências inaugurais da investigação antropológica e etnográfica” (2016, p. 17) isto é, o pesquisador está intrinsecamente relacionado ao contexto dos participantes da pesquisa. Schmidt destaca isso em seu texto quando transcreve a fala de Thiollent.

[...] criar e “aperfeiçoar” os dispositivos que facilitassem a inserção do pesquisador no cotidiano habitual dos grupos pesquisados, com a finalidade de ‘observar fatos, situações e comportamentos que não ocorreriam ou que seriam alterados na presença de estranhos’. (THIOLLENT apud SCHMIDT, 2016, p. 17).

Para se efetivar a pesquisa participativa, realizou-se entrevistas com colaboradores da Crescer, sendo que a autora deste estudo será participante ativa dos dados coletados. As entrevistas são semi-estruturadas uma vez que será verificado, através de entrevistas com a Diretora da referida escola, professoras da Crescer que atuam ou já atuaram com turmas de berçários I e II e a psicóloga da instituição sobre o processo que ocorre durante a aplicação da teoria de Emmi Pikler em bebês.

Lima, Almeida e Lima (1999, p. 133), classificam a entrevista semi-estruturada como uma forma do autor da pesquisa discorrer sobre as suas próprias experiências partindo do que deseja elucidar com a pesquisa, da mesma forma, se possibilita respostas que sejam livres e espontâneas de quem está sendo entrevistado. Ainda, fazem ênfase as perguntas das entrevistas, que sempre têm por base o contexto teórico da investigação, bem como as informações que o pesquisador coletou e considera de relevância para a pesquisa.

A entrevista será elucidativa para responder às questões norteadoras da pesquisa. Para isso, foram divididas as participantes da pesquisa em 2 grupos. O primeiro grupo (pensantes), se configura por meio da gestora da escola (diretora e mantenedora) e pela psicóloga. O segundo grupo se perfaz pelas colaboradoras ativas na instituição de ensino, ou seja, as professoras que fazem parte da equipe escolar da Crescer.

Destaca-se que as perguntas das entrevistas se configuram como 1ª) Como você entrou na crescer e o que sentiu ao fazer parte dela? Relate como você era profissionalmente antes de fazer parte do Centro

Crescer? 2ª) Quais foram os principais conflitos, sobre a filosofia, no momento da aplicação da prática X a teoria? e, 3ª) Quais os conceitos que foram mais desafiadores e interessantes em aplicar?

Salienta-se que a entrevista foi feita por meio do aplicativo eletrônico whatsapp através do recurso de gravar áudios, desta forma ficará o mais próximo do original as respostas que os grupos fornecerão para a coleta dos dados. Além disso, a essência das perguntas será compilada em uma tabela para melhor visualização e acesso no momento da leitura do presente trabalho.

Por fim, utilizar-se-á informações de cunho relevante nos meios de comunicação, especificadamente na internet, que se tornou para a elaboração do trabalho uma fonte indispensável de pesquisa.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Inicialmente a análise dos resultados obtidos nas entrevistas realizadas com profissionais que atuam no Centro de Educação e Recreação Infantil Crescer são falas apresentadas por pessoas que atuaram diretamente na aplicação da abordagem pikleriana na escola, portanto, conforme a metodologia utilizada para a pesquisa foram elaboradas três perguntas que se tornaram base teórica para a elaboração e análise dos presentes resultados.

Assim, por prudência e sequência cronológica de acontecimentos, a análise das respostas será iniciada pela sócia mantenedora da escola Luciane Rupollo, a qual o nome será divulgado tendo em vista ser mantenedora da instituição, bem como, seu nome ser vinculado diretamente a Crescer, posterior a isso, as demais entrevistadas, que se configuram por mulheres (psicóloga, pedagogas e pedagoga venezuelana imigrante) e que receberam o codinome A, B, C, D e E de maneira aleatória.

As principais considerações das entrevistas serão apresentadas em um quadro que auxiliará na elaboração da análise dos dados, assim, será acrescentado o número da questão, a pergunta realizada para as entrevistadas e na sequência, as principais contribuições evidenciadas nas respostas das mesmas. Frisa-se que na fala das entrevistadas, elas utilizam o termo metodologia para referenciar-se a abordagem, o que, erroneamente necessita-se esclarecer os termos, pois metodologia é um método a ser seguido sem modificá-lo e abordagem é um estudo cujo os princípios que regem aquele estudo são acoplados em outras vivências, podendo ser modificados conforme a realidade.

Quadro 1 - Respostas das Entrevistas

Entrevistadas	Respostas as questões
Pergunta 1	Como você entrou na crescer e o que sentiu ao fazer parte dela? Relate como você era profissionalmente antes de fazer parte do Centro Crescer?
Luciane Rupollo	- Foi a idealizadora do projeto Crescer. Anteriormente era enfermeira acupunturista;
A	- Através de uma proposta de trabalho das mantenedoras e o sentimento expressado ao efetivar o trabalho é alegria, felicidade e desafio. Psicóloga clinica (SUS), APAE com bebês, Unidade Básica de Saúde e clínica particular.
B	- Por meio de indicação, seu sentimento foi assustada, desafiada e realizada profissionalmente.

C	- Seu sentimento foi de acolhimento. Ocorreu transformações em relação ao agir como professora, sua postura era de praticidade e sistemática quanto suas ações. Reaprendeu a ser professora através de um novo olhar.
D	- Conheceu a Crescer por meio de indicação de uma amiga.
E	- Era auxiliar do berçário I, sentiu-se bem e acolhida ao fazer parte da Crescer. Não tinha experiência profissional e não conhecia a filosofia.
Pergunta 2	Quais foram os principais conflitos, sobre a filosofia, no momento da aplicação da prática X a teoria?
Luciane Rupollo	Com os funcionários, os professores saem muito engessados da faculdade, com uma visão de que criança precisa de "aulinha", não conseguem olhar para criança, sentir ela, observar, permitir que ela faça por si só, esperar o tempo dela. Muito disso tudo é consequência de ser adultos e sentimos dificuldade em lidar com uma criança, principalmente a nossa criança interior. Precisamos oferecer muito estudo para os professores, elas amadureceram bastante, mas ainda alguns resistem ao novo.
A	- O conflito maior seja o olhar do adulto frente à criança. O estudo da teoria, compreensão de como isso pode ser perpassado a nossa vivência. O cuidado que nós recebemos, como nós vamos conseguir mudar isso dentro de nós para nossa prática ser efetivamente. Não sendo tão enviesado pela nossa própria história ou pela forma como senso comum outras teorias ou aquilo que a gente já estudou e não faz mais parte desse momento e nem da teoria/filosofia da escola. O conflito maior se encontra no olhar do adulto frente a criança, não tanto na teoria, porque ela é bem embasada e na prática em comum com o todo. É neste lugar que não está nem na prática e nem na teoria esse lugar que está dentro de nós.
B	- A gente vem de uma formação acadêmica que não tem, por exemplo, na hora da troca de fralda a gente conversar com a criança, a gente pedir licença pra criança pra fazer sua troca. Olhar no olho da nossa criança conversar, explicar, dialogar com essa criança. Quanto menos intervenção do professor elas crescem e se desenvolvem. Intervenção do professor em momentos emergenciais. As crianças por si só são agentes transformadores. Deixar as crianças serem coautoras das brincadeiras, das interações, do crescimento, das experiências delas. Brincar desestruturados.
C	- Um dos maiores conflitos da teoria e da prática com as vivências que eu já tinha tido em outros lugares foi ampliar a minha visão, não olhar por olhar, mas a visão de forma geral, olhar com significado. Outro conflito foi explicar e expor para os pais essa metodologia, porque os pais gostam muito de ver o trabalhinho no papel, na folha e a Emmi Pikler gosta muito de apostar nas crianças, valorizando toda essa criação que a criança tem na infância, respeitando seus tempos.
D	- A maior dificuldade que a escola tem não é em aplicar a metodologia, são as pessoas encarregadas em aplicar a metodologia. Muitas vezes ela não é aplicada de forma correta, mas em geral ela está sendo aplicada de forma integrada. É algo que acontece de forma espontânea e com resultados e é totalmente visível, tem crianças de maternal e de pré que mostram uma autonomia e um desenvolvimento maior do que crianças com métodos convencionais.
E	- A gente veio de um passado, de uma geração que não existia aquela conversa com as crianças, não havia esses hábitos em nossas casas da gente conversar, que nem na questão da hora da troca de fralda. Então é algo que é um conflito para a escola, que é colocar em prática o fato de conversar com a criança.
Pergunta 3	Quais os conceitos que foram mais desafiadores e interessantes em aplicar?
Luciane Rupollo	- O mais lindo de toda a filosofia Pikler é você ver ela dando certo, e ver que funciona, é linda a evolução da criança, é científico. Permitir que a criança seja criança e respeitar o seu tempo, limitações e avanços do desenvolvimento físico, motor e psíquico. É valorizar a infância em toda a sua plenitude.

A	- O maior desafio em si, se encontra no respeito ao desenvolvimento físico, no conceito de que a criança tem um desenvolvimento natural, de posturas, rolar, sentar, caminhar, ficar em pé... Porque é um desejo nosso como adulto ver a criança se desenvolver fisicamente. O respeito ao desenvolvimento físico e postural da criança, porque nós temos um desejo de ajudar a criança, colocar sentada, colocar para gatinhar, pegar nas mãozinhas para caminhar. Às vezes a gente acaba não olhando, não vendo o quanto é bonito e o quanto é importante que esse desenvolvimento físico e motor aconteça de forma espontânea autônoma e natural na criança. Nos colocar como observador frente ao desenvolvimento postural, físico da criança, talvez seja mais desafiador do que o cuidado e o respeito a autonomia. Pra mim é muito interessante o lugar que o adulto fica frente a esse momento a esse conceito de desenvolvimento motor/físico postural da criança, que perpassa todo o desenvolvimento emocional, todo o sentimento da criança. É um conceito muito amplo pois pega quase toda a teoria. O conceito da motricidade livre.
B	- A importância de falarmos. Olharmos, olho no olho. A importância de quando nós conversamos com nossas crianças o nosso tom de voz, o nosso olhar. A coisa mais importante que eu aprendi para a minha vida é a questão do toque, um toque suave, na qual a gente avisa a criança o que irá fazer, na qual a gente não chega por trás e simplesmente pega, na qual a gente pede licença. A visar previamente o que irá acontecer. A importância de darmos afeto e limites. Outro fato muito importante é saber respeitar a individualidade de cada criança. Muitas vezes o professor quer fazer no tempo dele, mas a gente precisa fazer no tempo da criança e saber respeitar esse tempo.
C	- Como profe, como profissional, eu desenvolvi muito o meu olhar. A compreensão do que estava acontecendo e do que iria acontecer através deste olhar com sentido. Passei a confiar mais no potencial infantil, a apostar mais nas crianças, no que ela poderia desenvolver e passei a valorizar mais os momentos de vínculo com as crianças. O toque, o olhar, a conversa, aprendi a valorizar esse vínculo do adulto com a criança.
D	- É uma metodologia totalmente humanista, ela procura um vínculo com a criança a todo o momento pelo processo de rotina de sala de aula. E a metodologia que transforma a pessoa que cuida e a pessoa em que é cuidada. É uma oportunidade profissional de se encontrar com um método que transforma a vida dele e a vida das crianças.
E	- O mais desafiador foi e ainda é a questão do toque suave na criança, poque às vezes você acaba pegando a criança de forma mais brusca, não por intenção de algo. Também foi desafiador deixar a criança ser autônoma, sem intervir, sem ajudar ela a brincar, e ao mesmo tempo o deixar ela ser autônoma foi o mais fascinante e o mais interessante pra mim, em observar pra mim como as crianças são autônomas e como elas conseguem aprender sozinhas. E que através das tentativas dela que ela aprende. É algo desafiador porque a gente tem que nos conter em ficar apenas observando e ao mesmo tempo é fascinante o quanto elas aprendem.

A primeira observação a ser feita é em relação à pergunta 1, duas entrevistadas (B e D) apresentaram semelhança na resposta, ou seja, a forma como passaram a fazer parte do Centro Crescer, ambas, integraram a equipe da Crescer por meio de indicação de uma terceira pessoa. A entrevistada A, foi a única que as mantenedoras da escola decidiram em realizar uma proposta de trabalho que perdura até os dias atuais. As demais entrevistadas (C e E), não especificaram em suas falas a forma como passaram a integrar a Crescer.

Ainda, observou-se que as entrevistadas Luciane e A, trabalhavam em diferentes ramos que não são voltados para a educação, diferente das demais entrevistadas que são pedagogas formadas ou em processo de conclusão do curso, e a maioria já possuía contato com alguma escola. Destaca-se nesta primeira questão a variabilidade de sentimentos que elas trouxeram, sendo que as entrevistadas A e B se sentiram desafiadas ao ingressarem na Crescer, a entrevistada C corrobora afirmando transformação quanto a sua postura de

educadora, evoluindo quanto a praticidade e sistematização em suas ações, reaprendendo a ser professora através de um novo olhar, qual seja, o pikleriano. A entrevistada E sentiu-se bem e acolhida na escola. E a entrevistada D não expressou opinião acerca do tema.

Observa-se que a maioria possuía uma formação constituída de sala de aula ou de outro emprego, o que acarreta diversificadas experiências particulares, e isso, influência na capacidade de se ressignificar quanto professora, ou seja, aceitar o novo de maneira transformadora como uma fonte de construção de conhecimento.

A segunda questão enfatiza com mais especificidade os conflitos existentes no momento da prática em contrapartida da teoria e analisou-se que a maioria das entrevistadas julga que o maior desafio é com as pessoas que aplicam a abordagem, isto é, as próprias educadoras. A diretora Luciane Rupollo, destaca o despreparo das educadoras em ingressar na educação infantil acreditando que a pedagogia tradicional é engessada, o que não proporcionará a construção do conhecimento nos alunos e conseqüentemente elas não observam o essencial, isto é, permitir que a criança faça por si mesma as ações do cotidiano, bem como, olhar e sentir o aluno respeitando sempre sua individualidade.

Na mesma linha de raciocínio utilizado pela diretora do Centro Crescer, a autora Anna Tardos (2016, p. 56) afirma que “a criança é capaz de aprender de forma autônoma, que é capaz de realizar ações competentes, utilizando o repertório de comportamentos de que dispõe em determinada fase de seu desenvolvimento”, ou seja, a imposição construída nas ações das professoras ao longo da jornada acadêmica, assim como, o tradicionalismo educacional inibe as ações autônomas que os bebês podem e conseguem realizar, ou seja, moldar as ações para que a criança se encaixe no perfil adequado para aquele educador.

Da mesma forma, menciona a entrevistada B “Quanto menos intervenção do professor mais elas crescem e se desenvolvem. Intervenção do professor em momentos emergenciais. As crianças por si só são agentes transformadores. Deixar as crianças serem coautoras das brincadeiras, das interações, do crescimento, das experiências delas”. Tardos faz menção em seu texto sobre a criança conseguir, por meio de sua própria prática, desenvolver suas atividades.

Durante suas atividades, realizada com sua própria ‘responsabilidade’, o bebê aprende a observar, a agir, a utilizar seu corpo de maneira econômica, a prever o resultado de suas ações; aprende a sentir os limites das suas possibilidades, a modificar seu movimento, seus atos; aprende a aprender. Numa palavra: o bebê desenvolve sua competência, reforça sua exigência de competência. (TARDOS, 2016, p. 56/57).

Corroborando com a fala da diretora, as entrevistadas A, D e E, que enfatizam que trabalhar e moldar a nossa própria criança para que o nosso instinto de criação não se sobressaia à teoria a ser aplicada, é desafiador, desta forma, a entrevistada A menciona que “o conflito maior se encontra no olhar do adulto frente à criança, não tanto na teoria porque ela é bem embasada e na prática em comum com o todo. É neste lugar que não está nem na prática e nem na teoria esse lugar que está dentro de nós”. Desenvolver a

prudência em nossos atos e aceitar que a transformação requer tempo, resiliência e acima de tudo, querer desenvolver esta nova perspectiva trazida pela teoria de Pikler requer mudanças de hábitos e comportamento.

Cita-se Tardo, pois ela apresenta essa ideia de maneira efetiva e direta em sua escrita.

Para se desvencilhar-se dos maus costumes, primeiro é necessário que a educadora mude a atitude. O interesse sincero, acompanhado dos esforços para obter uma verdadeira parceria com a criança, produzirão mãos sensíveis, delicadas e ternas. Mas esse processo não acontece de forma automática. No que se refere ao desenvolvimento e mudança de comportamento, à ‘cultura’ da educadora, a ternura das mãos desempenha um papel muito importante, assim como os movimentos que comunicam segurança que resultam mais agradáveis para as crianças pequenas e que permitem a cooperação com o adulto. (TARDOS, 2016, p. 71).

As entrevistadas B e C abordam um ponto que está intrinsecamente ligado com o argumento anterior citado por Tardos, ou seja, construir uma mudança significativa requer uma postura de ressignificação do próprio eu, e junto com isso necessita constante evolução quanto ao olhar, toque e diálogo com os alunos, proporcionando um dos pontos mais importantes entre a teoria e a prática empregada pela abordagem, isto é, a troca significativa entre aluno e professor.

A entrevistada B proporciona uma fala que vai ao encontro aos conceitos defendidos por Emmi Pikler, uma vez que, “a gente vem de uma formação acadêmica que não tem, por exemplo, na hora da troca de fralda a conversar com a criança, a gente pedir licença pra criança pra fazer sua troca. Olhar no olho da nossa criança, conversar, explicar, dialogar com essa criança”, está maneira de pensar a relação com a criança também é mencionada pela entrevistada C que em outras palavras afirma que é essencial “ampliar a minha visão, não olhar por olhar, mas a visão de forma geral, olhar com significado”.

Após a identificação dos conflitos existentes entre teoria e prática no Centro Crescer, realizou-se a terceira pergunta do questionário que corresponde particularmente a prática de cada professora, isto é, qual o maior desafio e interesse que a educadora sentiu ao aplicar a abordagem? As respostas foram claras e objetivas, metade das entrevistadas menciona o fator do toque como sendo o maior desafio de aplicabilidade da filosofia, pois aprimorar o toque suave associado ao diálogo requer auto controle diário das ações do educador, sendo introjetado neste patamar os relatos dos autores sobre as ações de mudança de postura do professor em sala de aula.

O toque é a forma como a educadora trata a criança e transmite para ela as informações do cotidiano, ou seja, se as ações forem calmas, delicadas e suave promovem na criança segurança e atenção aos movimentos, e isso proporciona ao bebê melhor desenvolvimento cognitivo, físico e emocional. A que se analisar o antônimo deste toque suave, que se configura pelos gestos bruscos e rápidos nas ações destas professoras e isso interfere negativamente no comportamento da criança, pois a indiferença, impaciência e a indelicadeza nestes movimentos, remetem aos bebês desconforto e insegurança acarretando diversos sintomas físicos e emocionais ao longo do seu desenvolvimento (TARDOS, 2016, p. 68).

Soares em sua escrita retrata de forma clara e objetiva a importância de vincular-se ao bebê ao qual o educador é responsável em sala de aula, assim, “[...] um vínculo de confiança, de segurança afetiva será a sustentação para o desenvolvimento de um sujeito seguro de si mesmo, que pode se expressar com competências e procurar respostas a suas indagações, porque foi escutado em suas necessidades” (SOARES, 2017, p. 24).

E estes dois posicionamentos em relação ao toque e afetividade estão acoplados ao desenvolvimento autônomo da criança, cita-se Tardos para elucidar a questão.

[...] o bom estado emocional, a relação que está na base do seu sentimento de segurança, torna possível o desenvolvimento da autonomia. Assim, em primeiro lugar, a criança tem necessidade de uma relação satisfatória e, ao lado disso, é conveniente para seu bom desenvolvimento dispor também de recursos para ter acesso à experiência da competência, por meio de suas ações autônomas. (TARDOS, 2016, p. 56).

A entrevistada A, em sua fala apresenta um fator importante para a configuração da abordagem pikleriana, e que também difere do posicionamento das demais entrevistadas, isto é, ela trás como seu maior desafio, conseguir estabelecer uma relação equilibrada e respeitosa ao desenvolvimento físico do bebê, aceitando um desenvolvimento natural que leva em consideração todas as explicações apresentadas pelo presente trabalho sobre a motricidade livre. Ela ainda destaca o anseio que o adulto possui em querer rapidamente que a criança realize ações que elas não estão preparadas para assumir, sem respeitar suas limitações para a fase de desenvolvimento em que se encontra.

As entrevistadas A e E mencionam brevemente a postura do educador no que tange a observação, cita-se a fala da entrevistada E “é algo desafiador porque a gente tem que nos conter em ficar apenas observando e ao mesmo tempo é fascinante o quanto elas aprendem”, como realizar uma observação adequada posterior análise do desenvolvimento de uma bebê? Szanto-Feder transcreve em sua fala os parâmetros de observação utilizados no momento de analisar aquele bebê “a qualidade da atividade, o seu conteúdo, a sua duração e o lugar que ocupa em relação ao comportamento global da criança”, ou seja, direcionar o olhar atento do adulto para atividades cotidianas de sala de aula (SZANTO – FEDER, 1994, p. 39 – 63).

Feita essa análise sobre os principais conflitos e sobre a maior dificuldade de aplicação dos conceitos da abordagem no Centro Crescer, realizar-se-á um quadro comparativo com o que de fato necessita ser aplicado pela abordagem para sua concretização e o que o Centro Crescer aplica mediante interpretação das entrevistas realizadas com os profissionais que atuam na escola.

Destaca-se que essa aplicabilidade, como bem elucidada na página 08 da presente pesquisa, depende de fatores educacionais e culturais do próprio ambiente onde está sendo utilizado os conceitos de Pikler, uma vez que não é considerado como método que possui um conceito fechado quanto sua aplicabilidade.

Quadro 2 – comparativo sobre a aplicabilidade da abordagem de emmi pikler no centro de educação e recreação infantil crescer.

Teoria sobre a abordagem de Emmi Pikler	Aplicação da teoria de Piker no Centro Crescer
<p>Vínculo afetivo: Entre os elementos de entorno que estruturam a personalidade da criança, tenho mencionado, de início, a segurança proporcionada pelo vínculo e interesse do adulto. [...] Quando tudo que acontece com a criança se baseia no marco de um relacionamento, de uma troca real, que lhe permite tomar consciência da pessoa que se ocupa dela e de si mesma ao mesmo tempo, só então a criança pode ser consciente de sua integridade individual e da sua identidade pessoal. (FALK, 2016, p. 23).</p>	<p>Vínculo afetivo: Na Crescer, se trabalha constantemente na produção do vínculo afetivo e em como trabalhar o eu interior do educador associado com a teoria. Na escola a priorização do vínculo afetivo está em todas as ações das pessoas que trabalham lá e essa importância sempre é passada para as educadoras como fonte principal para a configuração da abordagem. A entrevistada C menciona sua evolução quanto ao desenvolvimento do vínculo afetivo: “Como profe, como profissional, eu desenvolvi muito o meu olhar. A compreensão do que estava acontecendo e do que iria acontecer através deste olhar com sentido. Passei a confiar mais no potencial infantil, a apostar mais nas crianças, no que ela poderia desenvolver e passei a valorizar mais os momentos de vínculo com as crianças. O toque, o olhar, a conversa, aprendi a valorizar esse vínculo do adulto com a criança.” Contribui com a fala a entrevistada D: “É uma metodologia totalmente humanista, ela procura um vínculo com a criança a todo o momento pelo processo de rotina de sala de aula. E a metodologia que transforma a pessoa que cuida e a pessoa em que é cuidada. É uma oportunidade profissional se encontrar com um método que transforma a vida dele e a vida das crianças.”</p>
<p>Ambiente preparado: O ambiente organizado para o brincar livre deve ser suficientemente amplo para que o bebê tenha bastante espaço à sua volta e possa descobrir e exercer suas possibilidades motoras enquanto brinca. Os espaços internos devem ser acolhedores e seguros (cercados), com o piso quente, de madeira ou EVA fino e firme, para permitir locomoção com liberdade e interação entre os pares. (SOARES, 2017, p. 43).</p>	<p>Ambiente preparado: O berçário I e II, turmas que a abordagem é concentrada, possuem uma estrutura semelhante a descrita pelos pensadores de Emmi Pikler. Eles são pensados e preparados para que a criança possa desenvolver-se integralmente.</p>
<p>Movimento livre: [...] o desenvolvimento motor se produz de modo espontâneo, mediante a atividade autônoma do bebê, em função da maturidade orgânica e nervosa. Ou seja, as crianças com boa saúde física e psíquica que podem se mover com liberdade passam por todas as etapas de ampliação da motricidade por conta própria, sem que os adultos precisem ensiná-las a se sentar, a engatinhar ou mesmo a andar. Não é bom adiantar nenhuma fase, nem colocar a criança em uma posição que não tenha sido conquistada por ela mesma. (SOARES, 2017, p. 47). Assumir o paradigma da criança potente e protagonista é, muitas vezes, difícil, pois é preciso abrir mão da postura de ‘quem ensina’ e deixar de lado a ansiedade por conquistas diárias. E, em lugar disso, confiar, acompanhar e permitir que a criança viva sua infância, sem interferência invasiva que pode trazer consequentemente excitabilidade excessiva, falta de atenção, insatisfação e sensação de incompetência. (SOARES, 2017, p. 55).</p>	<p>Movimento livre: Neste sentido a entrevistada B, deixa explicitado o trabalho realizado na crescer: “Quanto menos intervenção do professor mais elas crescem e se desenvolvem. Intervenção do professor em momentos emergenciais. As crianças por si só são agentes transformadores.” Destaca a fala da diretora Luciane: “Permitir que a criança seja criança e respeitar o seu tempo, limitações e avanços do desenvolvimento físico, motor e psíquico. É valorizar a infância em toda a sua plenitude.” Existindo também, um contraponto na entrevista, pois a entrevistada A menciona como um grande desafio o desenvolvimento da motricidade livre, “maior desafio em si, se encontra no respeito ao desenvolvimento físico, no conceito de que a criança tem um desenvolvimento natural, de posturas, rolar, sentar, caminhar, ficar em pé... Porque é um desejo nosso como adulto ver a criança se desenvolver fisicamente. O respeito ao desenvolvimento físico e postural da criança, porque nós temos um desejo de ajudar a criança, colocar sentada, colocar para gatinhar, pegar nas mãozinhas para caminhar.” A evolução no que tange o movimento livre deve ser contínua e deve se fazer seguidamente, pois somente se consegue dar continuidade a este trabalho quando os profissionais que atuam na Crescer participam ativamente do processo de mudança de seus hábitos. Uma mudança interna e duradoura.</p>

<p>Brincar livre: “Brincando a criança conhece o mundo, se apropria dele, o internaliza e aprende a viver com as leis que o regem e o organizam. O ambiente ao seu redor é um grande laboratório e os objetos variados colocados a sua volta geram as condições necessárias para que se auto desafiem, explore, investigue, aprenda, desenvolva sua inteligência e construa sua personalidade.” (SOARES, 2017, p. 30)</p>	<p>Brincar livre: possui um papel significativo pra o Centro Crescer, é por meio dele que as mais diversas experiências são apresentadas as crianças, constata-se isso, na fala da entrevistada A: “deixar as crianças serem coautoras das brincadeiras, das interações, do crescimento, das experiências delas. Brincar desestruturados.” Conseguir visualizar essa forma de brincar é conseguir respeitar o tempo e espaço de qualquer bebê.</p>
<p>Olhar e ações da educadora: Essas vivências são enriquecedoras para o desenvolvimento físico, emocional e cognitivo e é o papel da educadora neste momento que faz a diferença. A observação deste adulto facilitará e instigará a curiosidade desses bebês, pois ele ficará atento aos sinais de desagrado ou desinteresses pelos objetos/brinquedos que estão sendo oferecidos para exploração, partindo destes sinais o professor fará a interação com a criança para reorganizar aqueles brinquedos ou substituí-los (SOARES, 2017, p. 42). [...] o momento mais importante para a interação da criança-adulto é através do cuidado corporal, visto que, neste instante a criança está com a atenção exclusiva do adulto para si, oportunidade em que o educador necessita dialogar, olhar, observar e acima de tudo, tocar de forma suave aquele bebê (FALK, 2016, p. 25). Como é diferente a imagem do mundo que uma criança recebe quando mãos silenciosas, pacientes, cuidadosas e ainda seguras e resolutas cuidam dela; e como parece ser diferente o mundo quando estas mãos são impacientes, rudes, apressadas, inquietas e nervosas. Emmi Pikler (FALK, 2016, p. 11).</p>	<p>Olhar e ações da educadora: Esse é um trabalho constante no Centro Crescer, pois diariamente necessita estar trabalhando com as educadoras o que está dentro delas, seus sentimentos e emoções para que consigam na prática desenvolver o trabalho profissionalizado que seu olhar e suas ações precisam para o trabalho com bebês. Assim, a entrevistada A, da pesquisa anterior menciona: “O conflito maior se encontra no olhar do adulto frente a criança, não tanto na teoria porque ela é bem embasada e na prática em comum com o todo. É neste lugar que não está nem na prática e nem na teoria esse lugar que está dentro de nós.” Assim, torna-se incansável as formações continuadas acerca deste tópico, pois ele é a essencialidade do respeito para com os bebês. Fica evidenciado isso partindo da fala da entrevistada B: “A coisa mais importante que eu aprendi para a minha vida é a questão do toque, um toque suave, na qual a gente avisa a criança o que irá fazer, na qual a gente não chega por trás e simplesmente pega, na qual a gente pede licença. Avisar previamente o que irá acontecer. A importância de darmos afeto e limites. Outro fato muito importante é saber respeitar a individualidade de cada criança. Muitas vezes o professor quer fazer no tempo dele, mas a gente precisa fazer no tempo da criança e saber respeitar esse tempo.”</p>

Ao apresentar esse paralelo sobre a aplicabilidade da abordagem pikleriana no Centro Crescer, constata-se que de fato ela é realizada partindo da realidade daquele local, bem como, das crianças que ali convivem. Como já enfatizado no referencial teórico, a abordagem ela é moldada de acordo com a realidade apresentada pela escola que decide seguir os ensinamentos de Pikler. E, em sua essência, os princípios norteadores não são alterados ou modificados pela equipe de trabalho, eles são aprimorados constantemente para se obter resultados significativos quanto à efetividade dos conceitos abordados por Emmi.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, cumpre destacar a falta de acervo bibliográfico que retratem a abordagem de Emmi Pikler em seu inteiro teor, isto é, materiais que busquem resgatar a essência desse estudo voltado inteiramente para bebês. E isso, está intrinsecamente ligado ao fato da abordagem ser pouco difundida no meio acadêmico, bem como, entre educadores e escolas, os materiais teóricos são escassos e os artigos produzidos por pesquisadores do ramo são publicados em outro idioma e pouco traduzidos para o português. Desta forma, utilizou-se para embasamento da pesquisa livros e compilamentos de artigos que retratam o desenvolvimento da abordagem de Pikler.

Sobre o acervo teórico que embasou a pesquisa, conclui-se que a abordagem pode ser aplicada em creches e centros de ensino sendo base principal para a construção de uma ideologia escolar. Ela se tornar o alicerce inspirador para que ocorra, primeiramente, o reconhecimento daquele bebê como um ser humano com desejos e desagradados e, posterior a isso, para que se desenvolva o (re)conhecimento quanto ao papel do adulto e o papel da criança na construção de suas vivências escolares, sociais e familiares.

Percebeu-se também, que as entrevistadas agregaram em suas respostas as possibilidades e as adversidades da abordagem, isto é, identificaram de forma geral qual o principal obstáculo enfrentado pelo Centro Crescer, que se configura, de forma ampla, com a mudança de postura do professor em sala de aula, para que seja aplicada a essência da abordagem. Outro ponto elucidativo nas entrevistas, foi o posicionamento das educadoras em relação ao toque, olhar e conversa com as crianças, que está intrinsecamente ligado a postura que esse profissional da educação adotará em sala de aula, pois ela fará a diferença na relação afetiva estabelecida entre professor/aluno.

Ainda, evidenciou-se como pilar principal deste estudo a motricidade livre, que está atrelada a construção da autonomia no bebê, ou seja, acreditar em um desenvolvimento autônomo na criança requer confiança em seu potencial, acreditar que ela, por si mesma, consegue desenvolver seus movimentos corporais sem a interferência direta do adulto. E isso, está pautado na relação afetiva estabelecida entre as partes, bem como, o ambiente preparado e a postura do educador em sala de aula.

Portanto, a teoria da abordagem de Emmi Pikler pode ser evidenciada na íntegra no contexto educacional do Centro de Educação e Recreação Infantil Crescer. E isto é possível de se visualizar quando se realiza o comparativo entre a teoria e a prática na Crescer, a estrutura de uma (teoria) encontra-se na essência da outra (prática).

REFERÊNCIAS

- FALK, J. (Org.). **Abordagem Pikler, Educação Infantil**. São Paulo: Omnisciência, 2016.
- FALK, J. (Org.). **Educar nos três primeiros anos: a experiência de Lóczy**. Araraquara: J e M, 1994.
- FALK, J. **“Locky” e sua história**. In: FALK, J. (Org.). *Educar nos três primeiros anos: a experiência de Lóczy*. Araraquara: J e M, 1994. p. 15 – 38.
- FALK, J. **Desenvolvimento lento ou diferente**. In: FALK, J. (Org.). *Abordagem Pikler, Educação Infantil*. São Paulo: Omnisciência, 2016. p. 44 – 53.
- LIMA, M. A. D. S. ALMEIDA, M. C. P. CAUDURO LIMA, C. **A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa em enfermagem**. R. gaúcha Enferm., v. 20, n esp., p. 130 – 142, 1999. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/23461>>. Acesso em: maio de 2021.
- PPP. **Projeto Político Pedagógico Centro de Educação e Recreação Infantil Crescer**. 2019.
- SCHMIDT, M. L. S. **Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas**. Psicologia USP. São Paulo: 17(2), 2006. p. 11-41. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/pusp/v17n2/v17n2a02.pdf>>. Acesso em: dezembro de 2020.
- SOARES, L. Q. FERREIRA, M. C. F. **Pesquisa participante como opção metodologia para investigação de práticas de assédio moral no trabalho**. v. 6. n° 2. Jul.- Dez. 2006. p. 65 – 110. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v6n2/v6n2a05.pdf>>. Acesso em: dezembro de 2020.
- SOARES, S. M. **Vínculo, movimento e autonomia: educação até 3 anos**. Ed. 1ª. São Paulo: Omnisciência, 2017.
- TARDOS, A. **A mão da educadora**. In: FALK, J. (Org.). *Abordagem Pikler, Educação Infantil*. São Paulo: Omnisciência, 2016. p. 66 – 73.
- TARDOS, A. **Autonomia e/ou dependência**. In: FALK, J. (Org.). *Abordagem Pikler, Educação Infantil*. São Paulo: Omnisciência, 2016. p. 54 – 65.
- TARDOS, A. SZANTO – FEDER, A. **O que é a autonomia na primeira infância?** In: FALK, J. (Org.). *Educar nos três primeiros anos: a experiência de Lóczy*. Araraquara: J e M, 1994. p. 39 – 52.
- ZAGO, L. H. **O método dialético e a análise do real**. Belo Horizonte: Kriterion, n 127, p. 109 – 124, junho 2013. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/kr/a/tMzcgmXNY3NJS3MY3MZBSxH/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: julho 2021.